



## Quadro: Inflação x Salário Mínimo Acumulados

	Anual %	Acumulado %	Perda/Ganho*
1973	0,00	0,00	0,00
1974	33,08	34,54	- 1,10
1975	70,77	74,02	- 1,90
1976	146,15	154,52	- 3,40
1977	254,62	253,38	0,35
1978	400,00	397,29	0,55
1979	840,00	781,67	6,62
1980	1.755,38	1.753,71	0,09
1981	3.723,08	3.518,44	5,66
1982	7.453,85	7.126,39	4,53
1983	18.207,69	22.372,61	- 22,75
1984	53.284,62	72.668,57	- 36,31
1985	192.207,69	243.769,32	- 26,81
1986	257.592,31	402.381,93	- 56,19
1987	1.153.746,15	2.076.183,51	- 79,94
1988	9.871.694,87	23.618.247,86	- 139,25
1989	252.602.464,10	444.697.962,70	- 76,05
1990	2.832.314.002,56	7.011.598.724,43	- 147,56
1991	13.461.538.361,54	40.679.192.799,72	- 202,19
1992	167.367.608.874,36	511.679.159.869,81	- 205,72
1993	5.849.583.333.233,33	14.369.946.360.576,00	- 145,66
1994	65.759.615.384.515,40	145.089.037.419.738,00	- 120,64

Fonte: [www.portalbrasil.net/igp.htm](http://www.portalbrasil.net/igp.htm) e [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm) (acesso em 01/07/2010).

\* Calculado pelo autor.

O quadro acima testemunha esta afirmação. O salário mínimo aumentou 65,759 trilhões por cento contra 145,089 trilhões por cento da inflação, tendo por marco zero o ano de 1973. Na terceira coluna aparece a perda acumulada relativa ao referido ano. Entre 1974 e 1976, as perdas acumuladas são pequenas, atingindo o teto de -3,49%, decorridos três anos. De 1977 até 1982, há ganhos reais no salário mínimo, por incrível que possa parecer, recuperando o que havia sido perdido nos três anos iniciais. Quer dizer, em 1982, o salário mínimo comprava 4,53% a mais do que no ano de 1973, que serve de base comparativa. As dificuldades iniciam mesmo a partir de 1983, quando as perdas passam a ser demolidoras, culminando no ano de 1992, quando o salário mínimo perde 205,72% em relação ao que poderia comprar em 1973. E, em 1994, com a chegada do Plano Real, em especial no período introdutório deste, quando foi introduzida a URV, estas perdas foram atenuadas, contentando-se com “módicos” -120,64%. Depreende-se que acabar com a inflação era algo urgente, passado da hora.

Agora quem ler este texto com maior atenção e curiosidade, há de se perguntar como podem acontecer perdas relativas tão grandes, superiores a 100 por cento, o que significa dizer que um salário nada vale, não compra nada, o carrinho do supermercado entra vazio e sai vazio de dentro do supermercado e ainda deve mais outro tanto. Aí, vale resumida digressão metodológica sobre o

medidor inflacionário, o IGP. Este índice leva em conta também os preços no atacado, portanto, mercadorias insumos e matérias primas compradas do exterior em dólar. Nessa época, as desvalorizações da moeda nacional encareciam as importações e a economia brasileira dependia de muitos artigos importados, dentre os principais o petróleo. A inflação no atacado incide sobre as empresas. Por isso, resulta uma estimativa assim, estapafúrdia, abalada, do salário perder mais do que o todo.

As famílias não compram no atacado. Quem compra no atacado são as empresas que depois repassam aos preços no varejo. Todavia, o que se conclui é que nem toda a gama de preços pôde ser transferida na mesma razão ao consumidor. O que provavelmente deve ter acontecido nesta época é as empresas terem assimilado parte dos aumentos, evitando o repasse. É esse dito capital que não pode matar a galinha dos ovos de ouro, penalizando por inteiro o consumo dos trabalhadores. Para quem vender depois da terra arrasada? As evidências práticas indicam a ocorrência dessa absorção parcial por parte das empresas grandes. Então, elas devem ter procurado se ressarcir de alguma forma. Alerte-se bem, aquelas que conseguiram essa façanha, porque as outras, sem esta prerrogativa, simplesmente fecharam as portas. A forma de ressarcimento eram as aplicações financeiras. Aplicar parte do capital de giro em operações noturnas (overnight), semanais (open) e de mais longo prazo (CDB, RDB,...). Desta forma sucedia alguma compensação. Quem ficou fora, espirrou, excluído do mercado.

Foram anos ingratos e difíceis principalmente para trabalhadores de baixa renda, a maioria da população, e as micro e pequenas empresas capitalistas, atormentadas com um sobreviver precário ou impossível. Não apenas os números e a literatura desta época conturbada e triste relatam essas dificuldades. O escritor destas linhas era bancário escriturário em meados dos anos 80 e chefe de família. Sua mesa de trabalho atuava ao lado da mesa de aplicações financeiras na quais as empresas destinavam parte de seus recursos e somente com esses rendimentos já pagavam a folha de salário.

O próximo artigo versará sobre o mesmo tema, encerrando o assunto. Contudo, tratará sobre a inflação de preços no varejo em paralelo com o salário mínimo, que é o que os trabalhadores enfrentam no cotidiano. E mais curiosas descobertas tardias que os números me sussurraram.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.